

Gregório F. Baremlitt
 Chaim Samuel Katz
 Maria Rita Kehl
 Marilucia Melo Meireles

Psicanálise: o que ainda insiste

A psicanálise, desde sua fundação, suscitou análises propiciadoras de entendimentos e interferências efetivas no campo social, jamais se limitando ao exercício da clínica individual. Até um passado recente, essa presença foi considerada fértil e indispensável por segmentos representativos da vida cultural, da organização social e das propostas políticas, ao menos no Ocidente. O saber psicanalítico nasceu pensando e intervindo no mundo que lhe era contemporâneo. O *Mal-Estar na Cultura*, O *Por Que da Guerra*, O *Futuro de uma Ilusão* são algumas provas de sua fertilidade na cena social. Mais tarde, o existencialismo, um certo arranjo socialista, a Escola de Frankfurt também beberam nessas fontes e fizeram acréscimos à própria aplicação das teorias psicanalíticas. A contra-cultura — aludindo, aqui, de maneira ampla a tudo que isso implicou — e, na seqüência, aqueles interessados em pesquisar a pós-modernidade não deixaram de usar ou de criticar as formulações freudianas ou de seus seguidores. Muitos foram, e ainda são, os filósofos que, por décadas, vêm estabelecendo pontos e contra-pontos com as discussões de importância social engendradas e mesmo inspiradas a partir da psicanálise.

Nos dias que correm, o ofício de psicanalista e as colaborações de nosso campo já não ressoam nas sociedades em geral com tanta intensidade diante da força do mercado e da crise da globalização. Não é possível esquecer que ambos gerenciam não apenas as contas bancárias, mas também os valores éticos e as formas de relações humanas, produzindo, em escala maior, indivíduos nada dispostos a deixar de lado seus interesses narcísicos. Não seria o caso de adotarmos uma atitude chorosa e saudosista. Mas é o caso de mantermos um esforço de elaboração, a fim de pensar essa perspectiva na qual a ampla economização implica modos de socialização e subjetivações correspondentes. Evidente que avanço tecnológico não é sinônimo de plasticidade emo-

Gregório F. Baremlitt é membro fundador do Grupo Psicanalítico Plataforma Argentina e coordenador geral do Instituto Felix Guattari de Belo Horizonte, MG.

Chaim Samuel Katz é psicanalista, escritor, coordenador geral da Formação Freudiana, autor de vários livros, entre eles: *Nazismo e psicanálise*, *O coração distante*, *Psicanálise e instituição*, *Freud e as psicoses*.

Maria Rita Kehl é psicanalista, doutora em psicologia clínica pela PUCSP, autora de *A mínima diferença*, *Deslocamentos do feminino* e *Ética e psicanálise* (no prelo).

Marilucia Melo Meireles é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em psicologia clínica pelo IPUSP e autora do livro *Anomia: a patologia social na virada do milênio*.

cional ou de bem-estar psíquico. Entretanto, a tecnologia imperarrevogável apesar das situações paradoxais que instala continuamente.

Atentos e participantes, muitos psicanalistas têm se colocado questões dentro desse espectro. Percurso, neste número, convidou quatro colegas a contribuir com suas reflexões. Lançamos uma pergunta que, esperamos, sirva de gancho para alguns ângulos dessa problemática cujos limites ainda sequer foram bem demarcados.

“Desde Freud o pensamento psicanalítico contribuiu com importantes reflexões e intervenções nos campos social e cultural, jamais se limitando estritamente à área da saúde mental. A seu ver, qual a força e a penetração dessa característica histórica nos dias de hoje, em face das agudas e constantes transformações que os avanços tecnológicos têm provocado no mundo contemporâneo?”

Mara Selaibe

Gregório F. Baremlitt: Considero que o âmago da pergunta radica na avaliação de qual é a força e a penetração das reflexões e intervenções sociais e culturais da psicanálise no mundo contemporâneo, transformado pelos avanços tecnológicos. O interrogante é muito instigante, mas meu primeiro problema para respondê-lo consiste numa dificuldade que é a de circunscrever-me rigorosamente ao questionado.

1) Para ser minimamente realista, a caracterização das transformações sociais e culturais do mundo contemporâneo que podem atribuir-se (mediante um necessariamente forçado recorte cognoscitivo e estimativo) aos avanços tecnológicos, devem partir da certeza de que tais avanços implicam também, necessariamente, efeitos deletérios. A tecnologia nunca foi neutra nem apenas instrumental, ela tem, com o mundo no qual acontece, relações produtivas,

reprodutivas e antipro-dutivas, de mútua determinação imanente. A julgar pelos indicadores básicos de (digamos) bem-estar da huma-

“

Os mais lúcidos (poucos) afirmam que a psicanálise não sabe o que é, sendo que boa parte do seu trabalho intelectual consiste em averiguá-lo indefinidamente.

”

nidade, o mundo contemporâneo é uma verdadeira catástrofe e a participação da tecnologia nesse panorama é complexa e ambivalente.

2) A psicanálise, desde aquele encantador artigo “A moral sexual cultural e o nervosismo moderno” (ou como queira que tenha sido traduzido), até o último dos grandes escritos do que se costuma denominar o “Freud social”, sempre excursionou nos campos das ciências chamadas humanas e sociais, assim como nos da religião, das práticas jurídicas, da educação,

da moral, da arte e até no da civilização como um todo. Não obstante, Freud insistia em que, como teoria do sujeito, o âmbito epistemológico essencial da psicanálise era a clínica desse cunho. Daí a interminável discussão acerca do estatuto da denominada psicanálise aplicada. Contribuições pós-freudianas, tais como as culturalistas, as funcionalistas, as freudo-marxistas, as existencialistas e as estruturalistas, são responsáveis, tanto de acertos como de erros, quanto da citada polêmica. Teorias “de moda” até afirmam sobre o particular que a psicanálise nada tem a ver com o território da saúde mental, a não ser para vir a substituí-lo por completo.

3) A psicanálise começou aspirando a ser uma ciência natural e a formar parte do campo polidisciplinar da medicina, depois alguém lhe atribuiu o estatuto de uma ciência regional do continente do materialismo histórico, outros de uma filosofia da existência subjetiva, ou bem de uma espécie de artesanato, uma ciência conjetural, para culminar batizando-a como uma *práxis* com uma ética. Os mais lúcidos (poucos) afirmam que a psicanálise não sabe o que é, sendo que boa parte de seu trabalho intelectual consiste em averiguá-lo indefinidamente.

4) Com respeito à “força e à penetração da psicanálise nos dias de hoje”, eu acredito (muito paradoxalmente) que já faz quase trinta anos os escritos de Castel, Lourau e Gantheret o disseram tudo. A psicanálise teve sua época de certa hegemonia intelectual, entre 1940 e 1965 (mais ou menos), mas depois teve que compartilhar essa predominância com uma verdadeira multidão de teorias e de técnicas “psi” que invadiram o espaço correspondente. No que se refere ao tema da pergunta, a força da psicanálise tinha muito a ver com sua inspiração romântica decimonônica, especialmente a relativa à crítica da idéia de progresso e de racionalidade.

de própria da modernidade. Na atualidade, as diversas tendências psicanalíticas (cada uma das quais, como é sabido, se considera a única e a melhor), conserva um perímetro de influência discreto, mas muito inferior ao da soma dos seus concorrentes.

5) Segundo creio (já desde 1973), a avaliação crítica mais brilhante (e felizmente bastante adotada no Brasil) da força e da penetração da psicanálise é a de G. Deleuze e F. Guattari. Para esses autores, a chamada revolução freudiana tem um alcance similar à de Lutero na religião e à de Smith e Ricardo na economia política clássica. Lutero teria descoberto a essência subjetiva abstrata da religião; Smith e Ricardo, a essência subjetiva abstrata da riqueza como atividade da produção em geral (desterritorializada e independentemente de fontes, objetos e fins); Freud teria inventado o conceito da essência subjetiva abstrata do desejo inconsciente. Nessas invenções, radicaria a autêntica força de tais doutrinas e de alguns aspectos das práticas que nelas se inspiram. Mas o problema finca em que essas teorias, quando aplicadas à explicação e à intervenção sobre os modos gerais historicamente dominantes de produção da ética, da vida econômica, política, social e cultural e do sujeito edipiano (seja na sua versão familiarista ou na estrutural), reterritorializaram, exclusivizaram e exaustivizaram como invariantes essenciais essas formações, tornando-se assim, prevalentemente, equipamentos para sua reprodução e perpetuação. O sujeito da psicanálise é uma peça essencial, formal e real do capitalismo, na medida em que implica um deslocamento e intimização do limite exterior da desterritorialização do modo sistema, além do qual existe a ameaça, tanto do novo absoluto, como da decomposição de todo *socius*. O sujeito do desejo universalizado como faltoso, submetido à lei do simbólico, é a

garantia interiorizada contra o perigo do “de fora”, infinito nas suas ofertas de produção de vida, sendo claro que tal potência não é neces-



Nossas invenções e incidências coletivas foram e ainda são incipientes, o que nos situa de modo bem distante dos atendimentos massivos, da assistência social e dos planos de saúde contemporâneos.



sariamente incontrolável. Ela precisa de novas subjetivações e novas organizações sociais.

Quanto da força e da penetração da psicanálise se deve à sua vertente crítico – inventiva e quanto a seu componente cúmplice do Modo, Sistema, Regime, Subjetividade, Natureza e Tecnologia produtiva, reprodutiva e antiprodutiva imperante? Como Lacan gostava de dizer: “Só Deus sabe”.

Chaim Samuel Katz: Responderei através de alguns tópicos, na

medida em que a questão me parece excessiva, merecendo um longo ensaio a respeito.

I – Por referência à clínica, que diz respeito diretamente ao questionamento sobre as novas tecnologias. A clínica psicanalítica por vezes se fez, se pensou e discutiu de acordo com o modelo de atendimento individual, em consonância com o liberalismo do século XIX, de modo bem distinto da teoria psicanalítica, audaz e inovadora. Nossas invenções e incidências coletivas foram e ainda são incipientes, o que nos situa de modo bem distante dos atendimentos massivos, da assistência social e dos planos de saúde contemporâneos. No nosso caso específico, no Brasil, quase não se dá o ingresso dos psicanalistas nos órgãos estatais e institucionais, também por falta de regulamentação da profissão. E, quando estão lá, os psicanalistas padecem muitas vezes de ecletismo, triste doença.

A questão é muito complexa, também, devido ao custo da formação ou da transmissão de psicanalistas e da psicanálise ser bem elevado. Da perspectiva financeira, analisar-se e ter supervisão, acompanhar algum curso regular e seminários, sem apoio institucional e estatal, indica que só os mais ricos serão psicanalistas. Desde o econômico, os investimentos de tempo cronológico e de investigação são dos mais elevados, à exceção de alguns repetidores dogmáticos e de uns quantos picaretas. O significativo psicanálise ainda vende bastante e por isto continua a ser disputado, mas sem que boa parte dos pretendentes se disponham a gastar dinheiro e libido no assunto, devido ao baixo retorno, econômico, social e financeiro. Logo, é difícil fazer intervenções coletivas sem apoio estatal.

II — Efetivamente, temos que pensar as produções psicanalíticas desde sua procura e daquilo que

fundamenta tal demanda. Não se podem elidir questões, temos que nos indagar sobre “o que é ser psicanalista no Brasil”, com a demanda pela clínica individual em queda livre. Enquanto em outros países os psicanalistas trabalham em equipes múltiplas, colaboram em hospitais, escolas, creches, clínicas etc., entre nós não se notam sinais disto, com as exceções de sempre. Os órgãos governamentais não colocaram os psicanalistas entre os que têm algo a contribuir (uma leitura superficial de cerca de 10 números da revista Pesquisa-FAPESP não me apontou nenhuma pesquisa institucionalmente amparada no nosso campo).

O capitalismo é a maximização do lucro da divisão entre sujeito e Outro, pois o sujeito sempre pode sonhar tornar-se Outro — eis o que se produz nos indivíduos. Nessa maximização vale tudo, desde que alguém não se dê conta de sua posição de sujeito como “engano de eu”, onde ele se engana de querer aquilo que o capitalista quer que ele se queira. Tomar a demanda pelo desejo, engano neurótico, é a aposta feita pelo regime capitalista para fazer do sujeito um usuário de seu produto. Qual o lugar da psicanálise em tal processo?

III — Como é preciso viver, o apelo à psicanálise depende também da procura. Alguns fomentam tal procura iluminados pelos chamados regulares dos meios massivos de comunicação (mmc). Assim, de suposta peste, a psicanálise se transformou — ali onde se demandam seus cuidados clínicos — em sopa rala, bem rala. Se se acompanham as colunas de psicanálise nos mmc, constata-se o que afirmo. Com as devidas exceções, o que vemos habitualmente é um psicólogo rasteiro, soluções “dialéticas” (“ciúme existe, mas demais faz mal, controle seu ciúme...”), um romanceamento de situações onde o inconsciente se torna elemento fixo e uma baixa escatologia feroz, onde a psi-

canálise se confunde com a postulação de atos e situações sexuais os mais rasteiros. Assim, uma peça-show que ensina “fazer sexo” é o elemento mais forte na formação do que deve ser a psicanálise no imaginário social da classe média carioca e o que movimenta sua procura. Contudo, tal evento será agora exportado para a Argentina e é a primeira produção psicanalítica brasileira que os portenhos adotarão! Já era tempo...



A psicanálise não está no campo do imediato e do visível, e seu saber não se permite generalizações do tipo que fazem as neurociências, a biologia e a genética.



Mas o que (d)escrevo não é unicamente uma crítica e sim a afirmação de um paradoxo: afinal, a psicanálise existe também fora das teses universitárias, espero.

IV — Por relação aos efeitos da globalização, é preciso considerar o “ser psicanalista” em alguns regimes do existir. Apesar de termos uma teoria que se pretende universalizante, seus resultados serão sempre singulares. Nosso saber não se

permite generalizações do tipo que fazem atualmente as chamadas neurociências, a biologia e a genética, pois a psicanálise não está no campo do imediato e do visível. A máxima concessão que um Craig Venter, maior nome do Projeto Genômico, faz é dizer que “o ambiente pode ser tão determinante quanto os genes”, ou seja, duas “coisas” que podem se visibilizar e influir na constituição do ser humano.

Os psicanalistas não participamos, efetivamente, de uma comunidade de saber e instituir unitariamente e uniformemente como as dos cientistas de ponta, o que nos coloca em posição contra a corrente. Ou seja, existe algo na produção psicanalítica que obriga a uma diferença extrema de e em cada psicanalista e a uma solidão irreduzível.

Seria preciso que não transformássemos tal solidão positiva num eterno e permanente desamparo, como é a tendência e consolo de muitos teóricos. Os psicanalistas temos que reaprender com Ferenczi a respeito da onipotência das idéias, inclusive esta do desamparo ontológico; o que nos deixa sempre e de modo paradoxal distantes do desamparo. Levemos em conta uma consideração não-aristotélica, incisivamente elaborada por Hannah Arendt, de que o político não ocupa tudo o que constitui o humano. No regime do saber do inconsciente, suas articulações e discursos específicos se fazem fora da urbe e só existem enquanto multiplicidade. Tal tese considerada, a psicanálise não perfaz unidade.

Diante dos saberes cada vez mais unitários e unilingüísticos, novamente a psicanálise está na oposição à maioria compacta. Isto situa os psicanalistas no regime do que chamo de ética de responsabilidade, na medida mesmo em que os grandes e universalizantes instrumentos não dão conta deste campo apolítico e associal que nos ocupa.

V — A globalização precisa provocar o pânico, que é um dos meca-

nismos de sua expansão. Os psicanalistas sabemos que se um sistema simbólico não está apto a ligar as expressões pulsionais, quando ele se encontra carente de um Eu organizador adequado, ele entra em pânico. O que, na melhor das hipóteses, produz angústia, que é uma forma afetiva e representacional de exprimir a ausência das ligações e, concomitantemente, o anúncio de uma direção e um esforço para conjuntá-las. Quando nos defrontamos com um processo que pretende dar conta de todos os regimes de representar e sentir da contemporaneidade, convenhamos, a situação, o que se dispõe para os sujeitos, clama o desespero e o pânico; ou a submissão absoluta a tal sistema totalizante (chamem meu Fukuyama, *please*). Claro, tal pânico tem cura, de neurolépticos e psicotrópicos, ensinam os globalizantes.

Contudo, os psicanalistas aprendemos com a psicanálise que não há acontecimento sem resistência (até no mundo idealizado das idéias: convoco os colegas a releem o Parmênides de Platão). Da perspectiva concreta, os que não desconhecem a história da psicanálise sabem que já passamos por outros períodos e situações em que se anunciou o fim da psicanálise. Diretamente, com o nazismo, que excluiu e matou os pensadores judeus mas que produziu um pensador revisionista da psicanálise (Harald Schultz-Hencke e a sua neopsicanálise). Com o comunismo, que iria proibir a psicanálise, um “saber burguês”, e acabou fornecendo à IPA um presidente membro do Partido Comunista (Serge Lebovici). Indiretamente, com a bomba atômica que, segundo o psiquiatra Karl Jaspers, iria determinar, junto com a tirania absoluta dos seus possuidores, a futura e única consciência política possível. Mas os psicanalistas continuamos...

Estando no reino dos restos (Lacan), a psicanálise elabora uma situação paradoxal. Pois se somos

todos permanentemente infantis e feitos de restos, nunca estamos inteiramente preparados para as situações que nos clamam, sofremos sempre de desamparo e do conseqüente mal-estar. No mesmo processo em que tudo podemos, e para sempre.

VI – A especificidade da teoria psicanalítica – Daí advém a importância e primazia de sistemas não equilibrados, com restos e traços importantes. Disto decorre que certos psicanalistas nos preocupamos com uma clínica do detalhe e não com as narrativas grandes e coerentes.

“

Hannah Arendt
considera que
o político não ocupa
tudo o que
constitui o humano.
No regime do
saber inconsciente,
suas articulações
e discursos
específicos se fazem
fora da urbe.

”

tes. Se para os animais um acontecimento (chamado) natural pode, na maioria das vezes, destruir suas existências, para o homem isto implica uma possibilidade de novas organizações. Os exemplos são todos, pois inexistente o humano apenas como animal conjuntivo, obe-

decendo a alguma matriz central, que funcionasse à moda de um *software* definido e definitivo. A totalidade é uma invenção dos humanos, mas que se recusa a dar certo. Freud ilustrou uma tal antropogênese, quando pensou um esquema geral das neuroses se estabelecendo desde uma tragédia geológica incomum.

Portanto, as neuroses seriam produtos de novas relações, rearranjos com a natureza e com os outros, processos que só existiriam na medida em que somos sempre e também *entbindet*, disjuntados e rompidos, lançados ao acaso. Se assim escutamos o pensamento freudiano, se eu não temesse a hipérbole, diria que os sintomas neuróticos são uma estabilidade excessiva. Eles se fixam, se conjuntam, se arranjam e reproduzem ali onde o acaso não mais teria acesso.

Où seja, foi o que levou Freud a rever permanentemente sua teoria, a verificação de que é impossível representar integralmente os acontecimentos que dizem respeito ao humano. Então, como situar a psicanálise no seio das disciplinas vencedoras da pura reprodução do Mesmo, dos genes e fazeres definidos e definitivos?

VII — Por isto, destituídos de instrumentos universalizantes, ligados às singularidades, temos que pensar as resistências à/da/na psicanálise em seus regimes múltiplos (Derrida). Neste presente momento, teremos que passar por um longo período de solidão, teórica e institucional. Pois, no interior das resistências, conhecendo-se os mecanismos que falham e seus alvos desejantes, podem-se experimentar elaborá-los. A psicanálise precisa de um pouco de associalidade para ser e de pertinência ao reino do trágico para se afirmar plenamente. Contudo, viver nas franjas do horror e do mal-estar é difícil, nesta época de viágras e prozacs.

Para a psicanálise, Razão só há num regime de construção-destruição

ção permanentes e inseparáveis, na medida em que se começa ou emerge desde o diverso e se vai à medida (*ratio*), para dissolvê-la, sempre. É isto que denomino de pensamento paradoxal, e que é preciso pôr em movimento. Portanto, o mal-estar não é uma estrutura permanente do ser humano e de suas culturas. Ele se dá também numa polarização com encontros (que eu denomino de) alegres.

Ou seja, pensamos diferentemente dos saberes exatos da genética e biotecnologias, que tudo prometem e são apenas reproduções do Mesmo.

Para examinar a questão atual da globalização, é preciso se perguntar sobre como a psicanálise se apresenta diante de uma sabedoria e fazer de pretensão domínio total. E o que podemos diante dela.

Maria Rita Kehl: Hoje, a psicanálise vem sendo cada vez mais questionada como prática terapêutica pelos diversos representantes das biociências, em virtude da lentidão de seu percurso, da dificuldade em se comprovar uma “cura” em termos médicos, do sofrimento que o analisando experimenta ao longo de seu processo analítico. No entanto, paradoxalmente, os psicanalistas são cada vez mais consultados pela mídia e pelas instituições leigas para oferecer explicações para o mal-estar contemporâneo. Ao mesmo tempo, pede-se à psicanálise que contribua no sentido de ajudar a sociedade a ultrapassar uma séria crise que estamos atravessando no campo da ética. Penso que tanto a crise ética quanto a depressão (sintoma emergente do mal-estar contemporâneo) devem-se ao que considero como a perda do sentido da vida, no mundo atual, diante justamente das demandas de sucesso e eficácia que assolam nossas vidas.

O sentido da vida não é um valor inerente a ela; é feito de construções discursivas que conferem

significado ao aleatório, ao sem sentido, à precariedade da existência. Mas esta produção de sentido não é individual — seu alcance simbólico reside justamente no fato de ser coletiva. Dizer que uma vida faz sentido, do ponto de vista do vivente, significa que este sentido pode ser reconhecido pelo Outro, pelos outros. Na modernidade, quando os

“

A crise ética e a depressão contemporâneas devem-se à perda do sentido da vida diante das demandas de sucesso e eficácia que assolam nossas vidas.

”

sentidos da vida ditados pela tradição e pelas religiões perdem sua força, que outros discursos podem colocar no lugar?

Esta questão tem um fundamento ético, pois dirige-se à produção de valores simbólicos. Ora, os discursos predominantes a respeito do valor e do sentido da vida têm-se empobrecido rapidamente na medida em que se apoiam cada vez menos em razões filosóficas, e cada vez

mais em razões de mercado. É que as razões filosóficas apontam sempre para um ponto além da banalidade do dia a dia, ou para alguma forma de gozo que ultrapasse a fruição imediata, corporal, ao passo que as razões de mercado consumam-se em si mesmas, produzem repetidamente seu próprio esgotamento na repetição dos atos de consumo. As razões de mercado só nos oferecem a banalidade, revestida da aparência de uma “vida bem vivida”. Mas este “bem viver” só funciona se reduzirmos a vida à sua dimensão mais achatada: o circuito da satisfação de necessidades. Este circuito parece o da agitação de um desejo sem fim, mas não o é, pois os objetos oferecidos para nossa saciedade são reais, como todas as mercadorias. Isto nos lança permanentemente na ilusão de que os desejos podem se satisfazer nas coisas. O que a psicanálise tem a dizer a este respeito é que o objeto do desejo não está à venda no mercado; é um objeto perdido desde sempre, cuja busca move todos os atos de criação humanos.

Ora, o que a mídia e os leigos não percebem é que existe uma conexão *necessária* entre o pensamento psicanalítico, sua base filosófica, sua prática terapêutica e seu conceito de cura. Ao pensar o sujeito como faltante e o objeto do desejo como impossível, a psicanálise propõe a saída do circuito curto da demanda (que se dirige a objetos imaginários) ou do circuito fechado da pulsão (que se dirige a objetos reais) para o circuito do desejo, com seu potencial criativo, simbolizador.

O sujeito do desejo do pensamento psicanalítico não se reduz ao consumidor, nem ao competidor bem sucedido. É um insatisfeito que não se conforma, mas deve aprender a conviver com sua insatisfação, inventando objetos para ela. Neste sentido é um sujeito ético, pois não atribui ao outro a responsabilidade de satisfazê-lo, tomando sob sua responsabilidade a insaciabilidade

que o habita. A psicanálise nos desilude quanto às pretensões infantis, onipotentes (e malignas) de viver em pleno gozo, tão caras e também tão ameaçadoras às atuais sociedades de mercado. Mas não nos desilude para nos pedir resignação ou abdicção do prazer. Exige mais de cada um de nós: que sejamos capazes de criar as condições para o gozo possível, na dependência do outro (ao contrário do que dizem as ideologias do individualismo), mas arcando com as conseqüências dele.

A sociedade pede aos psicanalistas hoje, mais do que anteriormente, que se manifestem quanto ao sem sentido da vida. Mas não sei se gosta de ouvir o que nós temos a dizer.

Marilúcia Melo Meireles: Freud foi um homem que viveu em duas importantes metades dos séculos XIX e XX, durante as quais inúmeras inovações tecnológicas e acontecimentos históricos de grande repercussão ocorreram. Foi contemporâneo da introdução de grandes invenções que transformaram a vida cotidiana e formaram a fisionomia tecnológica do século XX. Viveu o auge do período que se convencionou chamar de segunda revolução industrial. Passou por duas grandes guerras mundiais, na primeira das quais perdeu um filho. Assistiu com atenção aos desdobramentos da revolução russa de 1917, acompanhou de perto o uso de novas tecnologias que deram início à radical diferenciação das atividades bélicas modernas das guerras clássicas, sendo salvo do holocausto na undécima hora.

Podemos associar sua imagem tanto ao andar de carruagem quanto ao de automóvel, bem como realizando sua viagem aos Estados Unidos em um moderno transatlântico a vapor, viajando de trem, assistindo ao surgimento do avião. Foi ele próprio que nos contou sobre sua reação ao tocar o telefone pela primeira vez em sua casa. Foi con-

temporâneo das descobertas de Pasteur e dos primeiros desenvolvimentos na área da saúde pública. Assistiu aos primórdios dos novos meios de comunicação de massa: temos registro de sua imagem em filmes de cinema e gravações de sua voz em entrevistas para o rádio. Foi testemunha da descoberta da radio-

“

Freud apropriou-se dos recursos tecnológicos tendo sempre em vista a leitura e o entendimento do sofrimento psíquico, construindo em torno disso sua visão clínico-teórica.

”

atividade pelo casal Curie. É histórico seu debate com Einstein sobre a guerra no auge de seu prestígio enquanto propositor da teoria da relatividade.

Não se acanhou, não teve medo, pelo contrário, usou as novas tecnologias a seu serviço: foi a Paris, a Roma, visitava lugares distantes para desenvolver seus estudos de paleontologia, etnologia, arqueologia. Sabia que tecnologia

é ferramenta, e que o que importa é a intenção de quem dela se apropria para usá-la. Apropriou-se destes recursos tendo sempre em vista a leitura e o entendimento do sofrimento psíquico, construindo em torno disso sua visão clínico-teórica.

É neste mesmo cenário de transformações tecnológicas que vemos Freud enfrentar com coragem a repulsa da comunidade científica e contribuir, a seu turno, com sua parcela revolucionária para a transformação de sua época – a psicanálise fez-se presente no século XX transformando costumes e interferindo na cultura contemporânea – inscrevendo-se, a justo título, na galeria dos grandes inovadores de seu tempo.

A questão específica dos dias de hoje é a de estarmos vivendo novos acontecimentos e desenvolvimentos tecnológicos que marcam o umbral de um salto civilizatório sem precedentes, já ansiosamente desejado nos tempos de Freud. Estamos transitando pela nova sociedade pós-industrial em marcha acelerada para a fundação da civilização da informação e do conhecimento.

Como não poderia deixar de ser, um instante como esse é repleto de contradições e paradoxos. Pérfido e sublime convivem na luta entre civilização e barbárie.

O Freud de “Por que a Guerra?” seria capaz de reconhecer a inevitabilidade dos conflitos deste nosso momento histórico, marcado pela cega liberação das pulsões e pelo inexorável entrelaço da vida e da morte.

É inegável que, no andar da civilização, o ser humano se descobre, paradoxalmente, cada vez mais feliz e também infeliz. Cada geração, sucessivamente, procura superar as agruras das gerações que a antecederam e cria novos desafios para as que virão.

A progressiva construção das civilizações é concomitante com a destruição das referências civilizatórias de que se originaram. Tudo

o que é humano — amor e ódio, vida e morte, agressão e preservação ocorre ao mesmo tempo, em ondas sucessivas, às vezes mais agudas, outras vezes como no mormaço das calmarias. Paga-se um alto preço em vidas e sofrimentos humanos.

É desse caldo que nasce a *anomia*¹, o resultante de equilíbrio entre o desenvolvimento advindo do choque das transformações e a obsolescência acelerada das normas de controle até então vigentes.

Hoje, o psicanalista está convidado a dar continuidade ao percurso iniciado por Freud, participando deste estar mal da/na cultura, próprio desta transição civilizatória, abordando-a sem preconceitos e dispondo-se a apropriar-se de novos recursos para contribuir para a construção do arcabouço de significações novas que os habitantes desta civilização necessitam para permanecerem capazes de se reconhecerem humanos.

Os incessantes apelos, em graus variados, próprios destes processos de desenvolvimento, são endereçados a todos nós. Resultam em impactos diferenciados: aumento da competição pela apropriação de conhecimentos e tecnologias, incremento de interesses pessoais e de modismos, muitas vezes confundidos como originalidade subjetiva, surgimento reiterado de demandas urgentes de realização de desejos, manifestação de surpreendentes perturbações psíquicas.

Em suma, criam-se espaços em que a carência de normas reguladoras se faz presente, gerando impactos importantes nas tradições, nos costumes, nos controles institucionais presentes nos valores culturais de qualquer indivíduo.

A *anomia* permeia, então, a clínica psicanalítica atual de forma irreduzível. Somos afetados por uma latência anômica contínua, na medida em que ela é o contraponto inevitável dos grandes e pequenos processos de mudança a que a humanidade e os indivíduos estão sujeitos.

Estamos no mundo, queiramos ou não, fazemos parte deste laboratório humano de transformações sociais, políticas e econômicas. Podemos, em vista disso, nos perguntar se a clínica, hoje, compõe-se de pacientes rebeldes ou se anda nos

“

A *anomia* é a resultante do desequilíbrio entre o desenvolvimento advindo do choque das transformações e a obsolescência das normas de controle até então vigentes.

”

exigindo, enquanto analistas, um salto de conhecimento, uma apropriação nova da civilização em que vivemos, para além dos limites tradicionais de nossas teorias.

Muitas situações indiscriminadas e fragmentadas presentes nos atendimentos clínicos, tradicionalmente encaradas como manifestações de estágios psíquicos primitivos ou engessadas no registro do imodificável, revestem-se de uma natureza bem diferente. Se observadas pelo que realmente são — resultado do impacto individual no paciente de um tecido social sem coesão, anômico, sem canais insti-

tucionalizados de expressão de sua cidadania — representam o mal-estar típico destas manifestações contemporâneas, apresentando um sofrimento psíquico legítimo que nos convida a inventar novos modos de pensar as instituições, a família, passando pelas leis que organizam os próprios sistemas de sociabilidade e de governabilidade do mundo em que vivemos.

Não se trata de “politizar” a psicanálise e nem de lhe atribuir o papel de redentora do mundo. Trata-se de, a partir do recolhimento à intimidade do encontro clínico, oferecermos nossa contribuição para a apropriação das inovações, reconstrução dos vínculos e elaboração das significações indispensáveis à vida dos que pretendem permanecer humanos. ■

NOTAS

1. M. M. Meireles, *Anomia: a patologia na virada do milênio*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.